

Desfazendo Mitos e Mentiras Sobre Línguas de Sinais

Renê Forster¹

Resumo: Este artigo apresenta uma das cartilhas desenvolvidas pelo Programa Surdez com informações sobre a LIBRAS e as línguas de sinais em geral. São abordadas no texto as motivações para a confecção deste material, bem como é apresentada a cartilha em questão, que leva o título de *Desfazendo Mitos e Mentiras Sobre Línguas de Sinais*. Nesta apresentação, são retomados alguns dos temas abordados pela cartilha, como a idéia de que as línguas de sinais seriam gestos imitativos, a de que existiria uma língua de sinais universal e a de que a LIBRAS atrapalharia a oralização. Falamos também sobre e a idade ideal para a aquisição de uma língua de sinais. Ao final, fica demonstrado que muitas das idéias correntes sobre as línguas de sinais são apenas mitos.

1) Introdução

A falta de informação sobre a natureza das línguas de sinais é fruto de um preconceito comumente associado a elas. Uma prova disso está na repressão já feita a estas línguas em alguns momentos do passado. Ainda hoje esse preconceito persiste. Não é raro ouvir dizer que as línguas de sinais não são línguas, mas uma linguagem ou algo afim. Este preconceito acontece até mesmo em locais privilegiados para o debate sobre este tipo de assunto, como as faculdades de Letras. Mas, pior que preconceito, a falta de informação, às vezes, é causa de deficiências lingüísticas que poderiam ser evitadas se os responsáveis por crianças surdas simplesmente soubessem o quanto é importante dar a elas condições de adquirir uma língua de sinais.

Diante disto, o Programa Surdez, que funciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), vinculado do Departamento de Estudos da Linguagem, promoveu a elaboração de duas cartilhas em formato de *folder* falando sobre aspectos importantes das línguas de sinais, com o intuito de fornecer informações que possam, não só mostrar o quanto infundado é o preconceito contra as línguas de sinais, mas também fornecer informações importantes para os responsáveis por crianças surdas. Estas cartilhas foram elaboradas por mim e por minha colega, Daniele Kazan, com ilustrações de Clara Villarinho e sob orientação do coordenador do Programa Surdez, o Prof. Dr. Ricardo Lima.

A cartilha *Uma língua que se Fala com as Mãos* mostra algumas das características estruturais das línguas de sinais, com atenção especial à LIBRAS, a Língua Brasileira de Sinais. O intuito é o de provar que elas são línguas como quaisquer outras e que, desta maneira, possuem propriedades estruturais análogas às apresentadas pelas línguas orais-auditivas. A outra cartilha, com o título de *Desfazendo Mitos e Mentiras Sobre Línguas de*

¹ Bolsista de Extensão (UERJ). Orientador: Prof. Ricardo J. Lima.

Sinais, aborda algumas concepções comuns sobre as línguas de sinais que permeiam o senso comum, mas não são verdadeiras. O objetivo desta cartilha foi o de difundir informações sobre as línguas de sinais que possam atuar no sentido de desfazer alguns preconceitos e de informar pessoas eventualmente responsáveis por crianças surdas. Neste trabalho apresentarei esta última cartilha, reproduzindo e desenvolvendo algumas das informações contidas nela.

2) Desfazendo Mitos e Mentiras sobre Línguas de Sinais

A cartilha *Desfazendo Mitos e Mentiras sobre Línguas de Sinais* trabalha com alguns mitos do senso comum sobre as línguas de sinais. O objetivo foi o de mostrar que estes mitos são, de fato, apenas mitos e, portanto, não são condizentes com a verdadeira natureza das línguas de sinais. Esta cartilha também traz informações úteis para pessoas que convivem ou que são responsáveis por crianças surdas, mostrando, por exemplo, a importância do aprendizado de uma língua de sinais para uma criança surda. A cartilha é dividida em 4 partes, cada qual lidando com questões diferentes sobre as línguas de sinais. Cada uma destas partes será apresentada aqui em uma subseção diferente.

2.1) Mímica?!

Muitas pessoas pensam que as línguas de sinais são como mímica, isto é, gestos imitativos que tentam reproduzir algumas das propriedades dos objetos a que fazem referência. No entanto, isto não é verdade. Ainda que alguns gestos sejam um tanto ou quanto imitativos (icônicos), isto não é aplicável a todos os gestos e, o mais importante, não basta imitar o movimento, a forma, ou qualquer outra propriedade de um objeto, para estar falando uma língua de sinais. Como nas línguas orais, os sinais são parte de um código, que, para ser eficaz, tem de ser compartilhado pela comunidade de falantes. Tanto é assim que, mesmo um sinal com algo de imitativo, como o sinal da LIBRAS, abaixo, dificilmente é entendido por quem não é um falante da comunidade.



Figura 1 Você consegue adivinhar o que significa este sinal?

Outros exemplos (Fig. 2 e Fig.3) da LIBRAS também mostram que nem todos os sinais são imitativos.



Figura 2 O sinal usado para dizer *meia* (peça de vestuário), tem algo a ver com uma meia?

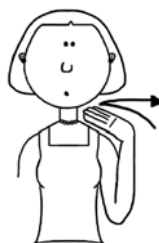


Figura 3 O sinal usado para dizer *banco* (financeiro), se parece com um banco?

Com estes exemplos é possível perceber que os sinais não são como mímicas. Em primeiro lugar porque, mesmo os sinais icônicos, como o sinal da Fig. 1, usado para dizer *votar*, não são uma simples imitação, já que, ao contrário de uma mímica, não são reconhecidos por qualquer um, mas dependem de um dado conhecimento lingüístico vigente dentro de uma comunidade. Em segundo, nem todos os sinais são imitativos.

Na verdade, os sinais das línguas espaço-visuais, como a LIBRAS, são como as palavras de línguas orais-auditivas, como o Português. Até existem algumas palavras de caráter um tanto ou quanto imitativo nas línguas orais, como as onomatopéias, assim como também existem, em línguas de espaço-visuais, sinais um tanto ou quanto semelhantes, em forma, àquilo que eles representam. A diferença talvez esteja no fato de que este fenômeno seja um pouco mais comum nas línguas de sinais. No entanto, as palavras do Português, em geral, não têm nada a ver com aquilo que elas representam, isto é, não há nenhuma razão para que a seqüência de sons da palavra *árvore* signifique o que ela representa, tanto que este conceito poderia ser representado por outra seqüência de sons qualquer, desde que o conhecimento da relação entre esses sons e o conceito fosse compartilhado pelos falantes da

comunidade. Assim acontece também na língua de sinais. Não há nenhuma razão especial para que o conceito de *meia* seja representado pelo sinal que o representa. Esta propriedade de não haver relação entre a forma de um sinal ou palavra e o conceito expresso por ele/ela é chamada *arbitrariedade*. Uma evidência para a arbitrariedade das palavras é que o conceito expresso pela forma *árvore* pode ser representado por uma cadeia de sons diferente em outras línguas, como *tree*, no Inglês, bem como há representações diferentes para o mesmo conceito em diferentes línguas de sinais, como veremos mais tarde. E, se analisarmos bem, mesmo as formas imitativas, como as onomatopéias das línguas orais-auditivas e os sinais icônicos das línguas espaço-visuais, são, na verdade, também arbitrários, já que, por exemplo, a onomatopéia que representa latidos no Português não é igual à onomatopéia que representa latidos no alemão, quer dizer, onomatopéias não são entendidas puramente por sua forma um tanto ou quanto imitativa, mas dependem de um conhecimento lingüístico. O mesmo acontece com os sinais. Ainda que alguns sejam icônicos, eles diferem de comunidade para comunidade (Fig. 4 e Fig.5), mostrando que também são arbitrários e que o fato deles parecerem apenas imitativos é só uma impressão, desmentida quando vemos que, para entendê-los, é preciso ter acesso a um determinado conhecimento lingüístico.

Mostrar que os sinais não são mímica é importante em dois sentidos. Primeiro, isto é uma prova de que as línguas de sinais são línguas como quaisquer outras e não uma forma de comunicação inferior, dissolvendo o preconceito associado às línguas de sinais. Em segundo, é importante porque mostra que um surdo não aprende a falar uma língua de sinais, como a LIBRAS, fazendo mímicas, ele deve estar em contato com uma comunidade de falantes dessa língua para que possa aprendê-la. Tal informação é de especial importância para ouvintes responsáveis por crianças surdas, os quais devem saber os instrumentos que estas crianças necessitam para começar a se desenvolver lingüisticamente.

2.2) Cada um na sua!

O mito mais comum sobre as línguas de sinais é o de que existiria uma língua de sinais para todos os surdos do mundo. Isto, em parte, vem do primeiro mito que apresentamos, o de achar que as línguas de sinais são mímica. No entanto, mais uma vez, o mito não é verdade. Cada comunidade tem sua língua de sinais e, inclusive, cada língua de sinais, suas variações, assim como o Português falado no Rio difere um pouco do Português falado em São Paulo. As Figs. 4 e 5 mostram as diferentes representações para uma mesma coisa falada na LIBRAS e na ASL (*American Sign Language*, Língua de Sinais Americana).

Um outro ponto importante é que as línguas de sinais não são línguas orais soletradas

com as mãos. É muito comum achar em livros, sites e folhetos o alfabeto usado na LIBRAS. São sinais que representam as letras do alfabeto do Português. Este tipo de sinal, no entanto, só é usado em situações específicas, como, por exemplo para designar nomes de pessoas, ou palavras que ainda não têm um sinal específico para designá-las. Então, não basta pegar um alfabeto da LIBRAS para saber LIBRAS, porque as línguas de sinais têm suas próprias palavras, os sinais, que, em geral, não têm qualquer relação com as palavras usadas em línguas orais.



Figura 4 Sinal usado para dizer *verão* na ASL



Figura 5 Sinal usado para dizer *verão* na LIBRAS

Assim, sabendo que as línguas de sinais não são uma língua universal, nem uma soletração gestual de línguas orais, vemos, novamente, que para aprender uma língua de sinais é preciso ter contato com uma comunidade que faça uso deste tipo de língua. Para uma criança surda isto é fundamental. E, o melhor é que, para ela, aprender uma língua de sinais é um processo natural, que se dá assim como o aprendizado de línguas orais por crianças ouvintes.

2.3) LIBRAS não atrapalha!

A surdez não implica necessariamente em mutismo. Pessoas surdas têm problemas com o aparelho auditivo, mas, em geral, não com o aparelho articulatório, ou seja, elas podem falar! No entanto, como os surdos não conseguem ouvir, eles, em geral, não conseguem aprender a falar línguas orais naturalmente, mas eles podem fazê-lo com o auxílio de

fonoaudiólogos. Este é um processo chamado *oralização*, no qual o surdo aprende a articular sua fala, aprende o sistema e as palavras de uma língua oral e também pode aprender a fazer leitura labial.

Um mito comum é o de que o aprendizado de uma língua de sinais atrapalharia o surdo que quer ser oralizado. Novamente, o mito não é verdade, muito pelo contrário, uma língua de sinais ajuda o surdo que quer ser oralizado. Isto porque a oralização é um processo de aprendizado formal, como é o aprendizado de uma segunda língua. É necessário acompanhamento de profissionais, exercícios lingüísticos, treino. Já as línguas de sinais são naturais para os surdos. Eles as aprendem sem qualquer tipo de instrução formal, bastando, para isto, a sua inserção em um ambiente no qual seja falada uma língua de sinais. Aprender uma língua de sinais não vai atrapalhar a oralização, mas vai ajudar, por que irá aprimorar o desenvolvimento mental, cognitivo, da criança, que poderá depois aprender quantas línguas quiser, sejam outras línguas de sinais, ou línguas orais, como os ouvintes fazem. Ao contrário, se o surdo for apenas exposto a uma língua oral quando criança, seu aprendizado será artificial e mais demorado, o que pode prejudicar seu desenvolvimento lingüístico. Além disso, a oralização também está sujeita a alguns problemas, já que, muito dificilmente, um surdo profundo consegue falar tão bem quanto um ouvinte e a compreensão de línguas orais por leitura labial também é limitada.

2.4) Quanto antes, melhor...

Uma das vantagens de aprender uma língua de sinais é que o surdo a aprende tão rápido quanto um ouvinte aprende uma língua oral. Isto é algo extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo do surdo, já que a aquisição de uma língua tem idade certa para acontecer e, quanto antes, melhor. Na verdade, depois de certa idade, a mente não é mais capaz de adquirir a língua com a mesma eficiência do que quando na primeira infância.

Um caso famoso que mostra isso é o de uma menina americana chamada Genie. Ela viveu trancada pela mãe num porão até os 13 anos de idade! Por isso, Genie, até essa idade, não teve contato suficiente com nenhuma língua. Quando ela foi descoberta e libertada, vários cientistas, incluindo uma equipe de lingüistas, se esforçaram para ajudar Genie a recuperar suas capacidades cognitivas afetadas. Apesar disso, ela nunca conseguiu aprender a falar Inglês eficientemente, ainda que ela não tivesse problemas articulatórios ou auditivos. Ela tinha extrema dificuldade com alguns aspectos lingüísticos, como a sintaxe, por exemplo.

A mesma coisa pode acontecer com um surdo. Se o surdo ficar privado de um contato lingüístico suficiente para desenvolver a aquisição da linguagem na infância, quando adulto,

ele terá muita dificuldade para aprender uma língua, e nunca aprenderá tão bem quanto alguém que aprendeu no período certo. Por isso, é importante que, desde cedo, o surdo esteja em contato com uma língua de sinais para que possa desenvolver plenamente sua capacidade lingüística.

3) Conclusão

Como foi possível observar, alguns dos mitos que rondam as línguas de sinais são frutos apenas da falta de informação sobre as propriedades destas línguas. Esses mitos, no entanto, são ainda correntes e prejudicam, certamente, o desenvolvimento lingüístico de alguns surdos, bem como desprestigiam a língua falada por estes indivíduos. Ficou demonstrado, no entanto, o quanto o aprendizado de uma língua de sinais é importante para o surdo, bem como a importância de sua inserção em uma comunidade que possa fornecer-lhe o meio lingüístico adequado para a aquisição de sua primeira língua.

Por fim, deixo a sugestão de que o leitor interessado procure mais informações a respeito das línguas de sinais, consultando outros materiais, dentre os quais recomendo os artigos e livros citados na bibliografia abaixo, que trazem informações técnicas detalhadas sobre as línguas de sinais, bem como informações de interesse geral, com especial atenção à LIBRAS. Sugiro também a consulta à lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a LIBRAS como a língua dos surdos brasileiros.

Bibliografia

- BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.
- FERNANDES, E. *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- QUADROS, R. M. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.